

ESTUDOS DO DISCURSO NAS CIÊNCIAS HUMANAS E DA LINGUAGEM: DESAFIOS E RESPONSABILIDADES

Urbano Cavalcante Filhoⁱ
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA
Instituto Federal da Bahia – IFBA

Na contemporaneidade, presenciamos um fenômeno preocupante que está manifesto e materializado na linguagem pelo sujeito da linguagem: trata-se de um forte movimento negacionista, explicitamente marcado por uma postura de oposição à ciência, às evidências científicas, teóricas e metodológicas sobre importantes questões relacionadas à vida do homem em sociedade.

A história nos mostra que a negação à ciência tem trazido consequências graves e sérios prejuízos ao homem e à vida social. Temas como o terraplanismo, o movimento antivacina, as *fake news*, por exemplo, provocam um desserviço à ciência e, por conseguinte, à própria sociedade que, surpreendentemente, ao mesmo tempo em que produz, faz circular esses discursos e sofre as consequências por eles trazidas. Acrescentamos a isso, estarmos vivenciando, há alguns anos, um forte ataque ao trabalho em pesquisa, bem como o investimento em ciência em muitas universidades públicas e institutos de pesquisa, levando, muitas vezes, alguns setores específicos da sociedade a questionar sobre o real valor e importância da produção científica nesses espaços de construção do conhecimento e sua necessária divulgação para o bem comum. E é por meio da linguagem que tais discursos negacionistas e até conspiratórios ganham vida e circulam socialmente na boca dos sujeitos falantes e nos diferentes veículos e suportes de divulgação e transmissão de conteúdos e notícias.

Quando observamos esses fenômenos, corroboramos o quão é importante o fazer científico e a divulgação da ciência no embate e enfrentamento, por exemplo, à desinformação. Não é uma tarefa fácil a pesquisadores e estudiosos da linguagem observar e explicar esses movimentos discursivos e retóricos, alimentados por diferentes ideologias, além de influenciados por fatores econômicos, religiosos, políticos, sociais, culturais, ideológicos.

No cerne dessa questão, encontra-se o sujeito como o ser de linguagem. E é pelo uso da linguagem, pela construção dos discursos, pela produção dos textos (nas suas mais variadas manifestações semióticas) que o homem se posiciona e põe em circulação suas visões de mundo, suas concepções, suas “verdades”, suas narrativas. Nesse sentido, afirmamos que o que está em jogo é o discurso de poder. Afinal, produz-se discurso para tomar posição perante o outro, perante o mundo, perante a vida. É nessa arena de luta de forças e posições que os sujeitos marcam seu lugar social. O processo de constituição da linguagem, enquanto fato social, mas também enquanto expressão de *um* em relação ao *outro*, é de natureza sócio-histórica e político-ideológica, já que a linguagem é resultante da interação entre sujeitos socio- historicamente situados, falando, ouvindo, agindo ética e responsivamente num determinado tempo-espço. Considerando, pois, o caráter sociológico e histórico da linguagem, o seu estudo e investigação não interessam apenas à ciência linguística, em específico, mas às ciências humanas, em geral, tendo na figura do homem que produz textos o seu objeto.

No manuscrito “Por uma metodologia das ciências humanas”, o filósofo da linguagem russo, Mikhail Bakhtin (1895-1975), defende que o objeto das ciências humanas é “o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (BAKHTIN, 2017, p. 59, grifos do autor)¹. Como produto da interação entre sujeitos, o texto é o ponto de partida para o estudo das ciências humanas. Assim, ao olharmos para o sujeito, estamos observando o que ele fala com o *outro*, para o *outro*, do *outro*. Em outro manuscrito, “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica”, Bakhtin afirma:

[...] estamos interessados na especificidade das ciências humanas, voltado para pensamentos, sentidos, e significados dos outros, etc., realizados e dados ao pesquisador apenas sob a forma de *texto*.

¹ BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas. In: _____. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Org., tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

Independente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida (BAKHTIN, 2016, p. 72, grifos nosso)².

Assim, é no texto que os sujeitos materializam suas vontades discursivas, validam suas intenções e os seus projetos sociocomunicativos. Dessa forma, ao considerarmos a multiplicidade e variedade de textos produzidos pelos sujeitos nas mais variadas esferas de comunicação humana das quais participam (a exemplo da artística, da política, da religiosa, da midiática, da científica, etc.), sempre na interação social (afinal, o homem que fala e escreve é um ser social), há uma reivindicação pela busca de contribuição de teorias da linguagem que deem conta de explicar essas variadas ocorrências semióticas e a vasta pluralidade de sentidos advindos dessas ocorrências. A verdadeira compreensão de um discurso exige que se leve em consideração os contextos extralinguísticos que envolvem a produção discursiva, aí incluídos o lugar que o sujeito ocupa, o momento sócio-histórico de sua produção, os interlocutores envolvidos no processo, os interesses, as motivações, as intenções, os diálogos, os interdiscursos, as responsabilidades, os valores.

Para Bakhtin, “o texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências), a única fonte de onde podem provir essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento” (BAKHTIN, 2016, p. 71). Nessa perspectiva, de forma indissociável e dialógica, texto e contexto estão em relação de interdependência, um alimentando e dando sentido ao outro.

Assim, para se conhecer o sujeito de um discurso ou o discurso de um sujeito, o caminho é pelo *texto*: “As ciências humanas são as ciências do homem em sua especificidade e não uma coisa muda ou um fenômeno natural. O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial). Onde o homem é estudado fora do texto e independente deste já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia e fisiologia do homem, etc.)” (BAKHTIN, 2016, p. 77). E há, segundo o teórico russo, uma distinção entre o conhecimento produzido no interior das ciências exatas e o produzido no âmbito das ciências

² BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica. In: _____. *Os gêneros do discurso*. Org., tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

humanas. Aquele representa uma forma monológica do saber: a coisa observada é uma coisa muda; enquanto que, para este, o objeto é o homem que fala, não podendo ser encarado como coisa: “Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico* (2017, p. 66, grifo do autor).

Nesse contexto é que, dentre os vários ramos das ciências humanas, cujo homem, ser de linguagem e produtor de textos e discursos, é sua célula nuclear, a ciência linguística ou as *ciências da linguagem* (como sugerem Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau no *Dicionário de Análise do Discurso*³, haja vista que a linguística, enquanto ciência voltada para o estudo das línguas naturais, ao longo dos tempos, vem renovando seus estudos e recebendo contribuições de outros ramos das ciências humanas para melhor compreender o funcionamento da linguagem), na busca de dar conta de explicar os fenômenos sociais, psicológicos, culturais etc. ligados às línguas, reivindica a contribuição de outras áreas, a exemplo da Sociologia, da Psicologia, da Etnografia, entre outras.

Influenciador de muitos trabalhos de linguistas importantes, a exemplo de Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov, Noam Chomsky, Émile Benveniste, o linguista alemão Wilhelm von Humboldt (1767-1835), ainda pouco estudado no Brasil, mas considerado o “fundador da linguística teórica, criador de um sistema da filosofia da linguagem no século XIX e precursor de quase todas as posições do *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure” (GRILLO, 2017, p. 18)⁴, trouxe grandes contribuições para o estudo que hoje dedicamos à língua, à linguagem, ao texto, ao discurso. Dentre as variadas proposições humboldtianas, a de que o sentido das formas depende do uso delas no discurso, interessa-nos mais de perto, para advogarmos a ideia de que a compreensão que assumimos de discurso, nas suas mais variadas perspectivas teórico-metodológicas, tem como ponto de partida a língua(gem) não dissociada do social, da história, do real, da vida. Humboldt não encara a língua apenas como manifestação

³ CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coord. da tradução Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

⁴ GRILLO, Sheila. Ensaio introdutório. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 7-79.

externa do pensamento, mas como aquilo que o torna possível; dessa forma, a língua é atividade (*energeia*), processo, e não produto (*ergon*).

É considerando a língua como processo, vinculada a um contexto e aos sujeitos que a utilizam, que observamos uma ampliação nas possibilidades de estudo e análise do fenômeno linguístico. O estudo e análise da língua como sistema abstrato de signos, apenas sob o prisma estrutural, não alcança outros elementos e fatores que influenciam e até determinam aspectos de sua manifestação. É assim que observamos, ao longo do tempo, as ciências da linguagem trabalhando com as produções verbais humanas sob diferentes enfoques e perspectivas, no intuito de interpretar e explicar esse fenômeno multifacetado, heteroglótico, dinâmico e variável que é a língua e sua materialização em discursos vários, nos mais diversos gêneros e expressões semióticas.

Assim, a Linguística, enquanto estudo da linguagem verbal humana ou das línguas, abre possibilidades de abordagens. Isso explica, pois, a variada gama de correntes de estudos do texto e do discurso, na intenção de observar o funcionamento dessa língua(gem) viva, embebida de construções ideológicas e fatores contextuais sociohistóricos. Afinal de contas, as ideologias presentes em um discurso são diretamente construídas e influenciadas pelo contexto histórico e político-social em que os sujeitos, os autores dos textos, estão inseridos. Mais que uma análise linguística e textual, a análise do discurso é uma análise contextual da estrutura discursiva dos textos.

Os estudos discursivos, na busca da compreensão da natureza e dos efeitos de sentido da linguagem, vêm, ao longo do tempo, variando e se ampliando, chegando ao ponto de não podermos falar mais em uma *análise do discurso* (no singular), mas em *análises de discursos* (no plural). Como afirma Paula:

Aqui, pensamos de maneira ampla e, de certa forma, dialógica, pois colocamos em embate as várias perspectivas (AD francesa; ACD – Análise Crítica do Discurso; ADD – Análise Dialógica do Discurso; as semióticas – inglesa e norte-americana, francesa e russa; bem como as teorias enunciativas – de Benveniste aos contemporâneos), dando-lhes

um tom identitário (uma cara) brasileiro(a). Por isso, podemos falar em análises de discursos, no plural (PAULA, 2013, p. 241)⁵.

É nessa perspectiva plural e variada, que vários pesquisadores desempenham seu papel ético no estudo e análise de discursos vários em circulação na sociedade. É o sujeito pesquisador que, com sua assinatura, torna-se responsável pela escolha do *corpus*, da vertente teórica, do encaminhamento metodológico, do método e dos critérios da análise, bem como responsável e responsivo pela comunicação à sociedade dos resultados da busca pelo sentido do *outro – sujeito e discurso*; não um sentido captado em sua totalidade, mas sempre marcado pela incompletude, inacabamento e provisoriedade. Assim, nenhuma teoria é capaz, por si só, de explicar o todo do outro, o todo do discurso do outro, muito menos apresentar uma explicação da totalidade da experiência de ser, agir e falar do outro no mundo. Mas, por meio do método e rigor científico adequados, é capaz de elucidar as camadas de sentido que as produções discursivas, na interação social, constroem e veiculam.

Esse não é um trabalho fácil, pois na compreensão do discurso do outro, nos deparamos com disputas ideológicas e de poder. Afinal, é nesse jogo que os sujeitos participantes colocam em disputa seus interesses, valores, ideologias, pontos de vista sobre si, sobre o outro, sobre o mundo, sobre a vida. E na empreitada de analisar discursos, o pesquisador, ao perguntar e responder aos questionamentos motivadores de seu estudo, também se posiciona como um sujeito histórico, que, do seu lugar de analista, está envolto por valores, visões de mundo e experiências singulares.

Ao se trabalhar com a linguagem, com o discurso do outro, um dos grandes desafios impostos ao pesquisador é o compromisso ético de produção de um conhecimento marcado pela “distância”, pela extralocalização que ele se coloca diante do objeto analisado. Esse olhar “de fora”, a partir das lentes teóricas e interpretativo-analíticas adequadas, favorece que o analista não emita simplesmente opiniões sem fundamentos, como comumente vemos no ataque ao discurso da ciência e suas comprovações, por exemplo; mas, sim, de emitir proposições, explicações,

⁵ PAULA, Luciane. Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 239-258, jan./jun. 2013.

interpretações e conclusões baseadas nas observações criteriosas de análise, fundamentadas teoricamente.

Assim, pensar, pesquisar, perguntar, responder, comprovar, escrever e divulgar são atos singulares e únicos. Como ato ético, cada sujeito assume a responsabilidade pelo seu agir e dizer. Exemplo disso são os vários textos que compõem esse número da revista. São discursos materializados nos gêneros artigos, entrevista, relato de experiência, cujos sujeitos autores assinam e assumem sua responsabilidade ético- responsiva pelos estudos que efetivaram, a partir de princípios teóricos, metodológicos e analíticos eleitos na busca dos efeitos de sentidos que os discursos do outro transmitem.

É urgente, portanto, observarmos, estudarmos, descrevermos e analisarmos cada vez mais os diversos discursos circulantes nas mais variadas esferas de comunicação humana. E sua divulgação, para além da academia, se configura como uma responsabilidade social: a ciência como um todo, em especial as ciências humanas, e as ciências da linguagem, em particular, ao tomarem a linguagem em sua dimensão social, mostra que o estudo do discurso é pluri e transdisciplinar, tendo em vista que as produções verbais, em sua multiplicidade, integram dimensões sociológicas, filosóficas, psicológicas, antropológicas, enfim, é o homem, enquanto ser da linguagem, se relacionando com o outro, com a vida, com a ciência, com a arte, com a mídia, com a religião, como atestam os trabalhos presentes no número dessa revista.

E aqui está mais uma contribuição da Revista Saridh/UFRN. Oportunizar o conhecimento, a partilha, a divulgação de estudos que tomam o texto, a linguagem, o discurso como objeto de análise, sob diferentes enfoques e perspectivas.

†Professor Doutor, pesquisador do Instituto Federal da Bahia, Campus Ilhéus. Docente pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Representações e do PROFLETRAS da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
E-mail: urbanocavalcante@gmail.com
Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4559489Z2>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1429-5300>